

INTRODUÇÃO

Quando, em março de 1921, foi fundado o Partido Comunista Português [PCP] o país continuava a enfrentar uma parada de crises políticas e sublevações, os atentados cresciam, a anarquista Confederação Geral do Trabalho [CGT] dominava o mundo operário português e as forças conservadoras, nomeadamente as que se reviam nas teses do fascismo italiano, ganhavam terreno.

Para afirmar a nova organização, os seus dirigentes decidiram lançar os jornais *O Comunista* e *O Jovem Comunista*.

Na denominada *Pátria do Socialismo*, no dia 1 desse mês de março, os marinheiros soviéticos da cidade portuária de Kronstad sublevaram-se contra o governo da República Socialista Federativa Soviética da Rússia. Seriam brutalmente esmagados dezasseis dias depois. Num dos momentos em que decorria essa desgraça individual e coletiva, iniciava-se, no dia 8 de março, o X Congresso do Partido Comunista Russo, que terminou oito dias depois.

Sem ter devidamente preparado a sua candidatura, no ano seguinte, o PCP aderiu ao Comintern, ou Internacional Comunista [IC], que nesse ano organizou o seu IV Congresso. Em 1922 o destino do comunismo sofreu um forte impulso, em determinada direção, com a escolha de Josef Estaline para secretário-geral do Partido Comunista Russo, a primeira trombose que atingiu Lenine e a constituição, já no final desse ano, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [URSS], formada pelas Repúblicas Comunistas da Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia.

Com uma estrutura política semelhante à de qualquer partido burguês, depressa o PCP perdeu força e eficácia, comportando-se como uma peça do sistema que devia denodadamente combater. Nunca assumiu claramente o objetivo de fazer triunfar a *Ditadura do Proletariado*, no fundo a ditadura do Partido, o derrube do capitalismo, a posse dos meios de produção por parte do Estado, que

passaria também a deter o poder sobre as oportunidades de carreira dos seus cidadãos.

Também nunca abordou a questão de, no futuro, apenas ser reconhecido o matrimónio civil, do divórcio passar a ser simples e barato e o aborto legalizado, como acontecia na sociedade soviética desde 1920.

De igual modo nunca lançou poderosas mensagens antissistema, nem procurou trabalhar os meios operários no sentido de participarem na sua revolução. De entre os vários exemplos que podíamos dar, acerca do posicionamento do PCP no xadrez político português de então, escolhemos o artigo que Carlos Rates escreveu e que *O Comunista* publicou a 23 de dezembro de 1923. Nele se defendia a ditadura das esquerdas, «porque o povo português, na sua maior parte, é uma massa apática e indiferente. Quem dominar Lisboa, domina o país».

Desde o início que a existência deste PCP foi marcada por guerras internas e deserções, o que só podia dar frutos maléficos. Foi de tal forma tumultuosa que, no decorrer do seu I Congresso, que ocorreu em Lisboa, na Rua do Benfornoso n.º 150, 1.º, foram expulsos Caetano de Sousa, António Monteiro e os que acompanhavam as suas posições, enquanto outros foram suspensos. Ninguém se lembrou, nessa altura, que alguns deles tinham representado a organização no já referido IV Congresso da IC.

As coisas atingiram uma tal dimensão que, ao tomarem conhecimento da situação, os dirigentes do Comintern enviaram a Lisboa, como delegado plenipotenciário, o suíço Júlio Humbert-Droz. Este, após ter examinado a disputa, confirmou Carlos Rates como secretário-geral do Partido.

A Primeira República caminhava para o fim, abalada com os sucessivos acontecimentos que lhe assinalavam o destino. Descontentes com o curso da situação, os partidos políticos parlamentares, sem exceção, de braço dado com o Partido Radical e os integralistas, nos primeiros meses de 1926, prepararam um golpe militar com o fim de colocar um ponto final no insustentável estado político do país.

As suas motivações não eram, contudo, as mesmas. Cada partido tinha as suas razões, aparentemente lógicas e justas, e os seus objetivos. A relação de forças que se estabelecesse nos dias seguintes ditaria o destino final desse movimento revolucionário.

A notícia da preparação da sublevação espalhou-se no país. Sem perderem tempo, em março de 1926, a anarquista Câmara

Sindical do Trabalho, a Esquerda Democrática, o PCP e o Partido Radical formaram a Esquerda Social de Combate ao Fascismo.

Em face de uma situação político-militar muito complicada, em que os revoltosos saboreavam o gosto doce de uma vitória próxima, no mês seguinte, a Esquerda Radical de Combate ao Fascismo desaparecia. Aliás, como podia, honesta e imparcialmente, o Partido Radical integrá-la se estava envolvido na conspiração?

A revolução chegou no dia 28 de maio. No dia seguinte, no decorrer de uma das sessões do Congresso do PCP, Carlos Rates foi expulso da organização. Lançaram-se sobre ele graves acusações. Numa delas acusava-se Rates de se ter deixado seduzir pela proposta que *O Século* fizera de lhe pagar 1.000\$00 por mês, se integrasse o seu quadro redatorial. Era um vencimento elevado para a época.

Perdido o amor que tivera à causa comunista, se alguma vez o teve, Carlos Rates aderiu à Ditadura Militar, em 1931, e, mais tarde, ao Estado Novo.

O que restava do PCP enfrentava uma situação muito complicada. Aderiu à revolta militar, que teve início no dia 3 de fevereiro de 1927, no Porto, e prosseguiu, quatro dias depois, em Lisboa. O seu grande objetivo era derrubar a Ditadura. Infelizmente, as suas expectativas não se concretizaram e parte dos seus elementos foi parar às prisões sob as ordens dos novos detentores do Poder.

Pressionado pelas circunstâncias, Silvino Ferreira tomou a direção do Partido. Em março de 1928, no cumprimento das instruções que recebera em Moscovo, onde estivera em representação do PCP, assumiu o cargo de secretário-geral. Seria, contudo, efémero o seu poder. Algum tempo depois seria afastado por um grupo chefiado por Bento Gonçalves.

No início de 1929, com poucos militantes, o PCP agonizava. Doutrinado no Brasil nas ideias marxistas, expulso deste país por ser um dedicado membro do Partido Comunista local, por aquela altura regressava a Portugal o barbeiro Júlio César Leitão. Como não lhe passou ao lado o estado em que se encontrava o PCP, encontrou-se com Bento Gonçalves, e com os que acompanhavam este para os arrastar para a realização de um Pleno, de onde saísse uma nova estrutura partidária. Relativamente à anterior, deveria apenas manter o nome, tudo o resto teria de mudar.

Da reunião histórica da Amadora, realizada em abril de 1929, saiu um partido com estruturas, ideias, mensagens, projetos e objetivos totalmente diferentes dos que norteavam o PCP que

agora desaparecia. O partido reformulado entrava em cena, e por mais de uma vez procurou fazer a sua própria revolução. A linguagem era mais ousada, recorrendo a palavras de choque e a chavões políticos, como o de os estados democráticos serem apenas agentes da burguesia. Entre outros, defendia intransigentemente a URSS contra as forças capitalistas que se encarniçavam contra ela e resistia à agressão fascista em defesa da liberdade e da independência dos povos. Daquela magna reunião viria a resultar ainda o aparecimento da Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas [FJCP], da Intersindical e do Socorro Vermelho Internacional [SVI], que tal como o PCP, eram Secções Portuguesas da IC.

O Congresso da Amadora, pelas consequências que teve na atividade comunista em Portugal, constitui o ponto de partida desta obra. Num ambiente nem sempre familiar, com avanços e recuos, vitórias e derrotas, prisões, deportações, acusações, expulsões, abandonos voluntários e uma explosão de outros acontecimentos, como comícios-relâmpagos, greves e atentados, as organizações comunistas cresceram e afirmaram-se de tal modo que o PCP, no período da Guerra Civil de Espanha, chegou a ter uma implantação como nunca mais conseguiria alcançar até à Revolução dos Cravos.

Lentamente, a vaga de prisões, que cresceu a partir do início de 1938, foi-o destruindo. No final de 1939 a Polícia Política, ou pelo menos grande parte dos seus elementos, dava como adquirido que liquidara o PCP. E os factos pareciam dar-lhes razão.

Inativo o Partido, no início de maio de 1940, Álvaro Cunhal, que regressara recentemente ao Secretariado do PCP, acertou com Carolina Loff da Fonseca, membro do mesmo organismo, uma ação para mostrar ao povo que, afinal, o partido ainda estava vivo. Na noite de 27 para 28 daquele mês e ano, esteve marcada, nas ruas de Lisboa, uma profusa distribuição de pequenos panfletos.

Quando a data rompeu já tinham sido presos. Não foi necessário nenhuma vigilância especial para as autoridades neutralizarem essa ação.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

No início da segunda metade de 1929, parecia estar a chegar ao fim a lua-de-mel que Salazar mantinha com a esmagadora maioria da sociedade portuguesa. A partir de então, um setor que até aí o acompanhava, e outro que por precaução não se manifestava, passaram a contestá-lo.

Eram tempos difíceis. A crise económica, política e social acentuara-se de tal forma que, em países europeus e de outros continentes, a responsabilidade da defesa coletiva foi entregue a regimes autoritários ou totalitários. Durante a década de trinta do século passado, período de tempo que será objeto da nossa análise, essa vaga não diminuiu de intensidade.

A reputação do fascismo e do comunismo cresceu, assim como se desenvolveram os laços de amizade que as suas ideias tinham criado em diversos pontos do mundo. A maré entusiástica pelos regimes autoritários ou totalitários foi reforçada com o aparecimento do nacional-socialismo alemão que, como os outros anteriormente referidos, tinha objetivos expansionistas bem vinculados.

A disputa política e ideológica entre marxistas, fascistas e nazistas chegou ao México, a Cuba, ao Uruguai, ao Chile, ao Brasil, à Argentina e a muitos outros países. Diversos autores salientam que o surgimento do nazismo e do fascismo se deve ao facto de as burguesias dos seus países não terem assumido posições políticas em consonância com a sua condição económica.

Foram outros os fatores que criaram as condições favoráveis ao surgimento de Oliveira Salazar e da sua ideologia. Não precisou de desmascarar quem quer que fosse, ou envolver-se em polémicas. Bastou-lhe aproveitar as ruínas de uma República que se desmoronava e perdeu a sua autoridade, em boa parte devido à balbúrdia, à confusão instalada e à vacuidade de muitos políticos, e à incapacidade da Ditadura Militar para resolver os graves

problemas financeiros da nação. Salazar limitou-se a esquadriñar a situação do país numa série de artigos que escreveu para o jornal católico *Novidades* e esperar que o fossem buscar.

Numa atmosfera onde não faltavam apelos à ordem e abundavam as referências à grandeza da Pátria, Oliveira Salazar montou e desenvolveu um modelo revolucionário que modificou a forma do Estado, repôs a ordem nas ruas, na administração e nos espíritos, e recolocou na vida nacional os valores religiosos, éticos e morais, que boa parte da sociedade reclamava.

No início de abril de 1929 o poder ditatorial só encontrava oposição no revirinho, maioritariamente anticlerical e maçónico. O Partido Socialista caminhava para a extinção, o anarco-sindicalismo, fiel às concepções voluntaristas e às suas ideias em relação ao uso da violência, procurava recuperar do grande abalo que sofrera, e os comunistas, reduzidos à expressão mais simples, realizavam um grande congresso na Amadora, de onde emergiu uma nova estrutura partidária, piramidal, constituída por Células, Comitês de Zona, Comitês Regionais ou Locais e por um Comité Central, cujas orientações [ordens] não podiam ser questionadas.

Tudo mudou, passando, por exemplo, os seus militantes a usarem pseudónimos e a sacrificar os hábitos pessoais às exigências partidárias. Mantiveram até ao final de janeiro de 1934, o velho hábito português do recurso à pistola e à bomba.

Para dar mais solidez à nova organização criou-se o lugar de funcionário da organização, recebendo os que se lhe dedicavam a tempo inteiro um salário, que lhes dava para pagar a alimentação, o alojamento e pouco mais.

Depressa as adesões chegaram de todo o país, absorvendo um capital emocional relativamente importante da intelectualidade e do mundo operário. Foi de tal modo elevado que, algum tempo depois do Congresso da Amadora, já existiam quatro estruturas comunistas: o Partido Comunista Português [PCP], que funcionava como a Secção Portuguesa da Internacional Comunista [Comintern]; a Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas [FJCP], que era a Secção Lusa da Federação das Juventudes Comunistas; e a Intersindical e a Comissão do Socorro Vermelho Internacional [SVI], as Secções Portuguesas de organizações internacionais similares, cuja sede estava na capital russa. A estes organismos cabia organizar, propagandear, agitar e solidarizar.

Como o poder estava em Moscovo, aquelas organizações não discutiam, nem, muito menos, rejeitavam, as indicações que dali

vinham. Em Portugal as novas organizações comunistas promoviam, desenvolviam e visavam a conquista do poder [a imposição da ditadura do proletariado ou da chamada democracia popular] e defendiam a revolução bolchevique.

A obediência era tal que, quando, em 1935, o VII Congresso do Comintern decidiu formar Frentes Antifascistas Alargadas, integradas por comunistas, sociais-democratas e outra gente progressista, de imediato os comunistas portugueses constituíram a sua.

Neste ambiente tenso, esteve longe de ser pacífico o relacionamento dos comunistas, com os reviralhistas, com os anarquistas e os socialistas. A sua agenda poucas vezes coincidiu com a daqueles. Em relação aos anarquistas pode-se mesmo dizer que a tensão latente entre eles nunca foi resolvida.

A luta comunista crescia de intensidade nas greves que decretavam, nos comícios-relâmpagos, nas ações violentas que preparavam, nas lutas com a PSP e a GNR, por um lado, e com os filiados da Ação Escolar Vanguarda [AEV] e os homens da Legião Portuguesa, por outro.

Num quadro dominado pelas paixões, os comunistas participaram em tentativas militares com o fim de derrubar o regime. Também pretenderam, por duas vezes, realizar a sua revolução. E estiveram, indiretamente, pela participação de militantes seus, envolvidos no atentado contra Salazar, mas completamente fora nos ataques bombistas ocorridos meses antes.

Na competição política e ideológica que se desenrolava a nível internacional não faltaram os conflitos que colocaram em causa a ordem, a estabilidade, as instituições e as regras internacionais, de modo tal que se pode dizer que a incerteza aumentava à medida que os dias passavam. De entre os inúmeros casos que podíamos referir destacamos a restauração da soberania alemã no Sarre, a 1 de março de 1935; a ocupação da Etiópia por forças italianas, uns dias depois; o início da Guerra Civil de Espanha, em julho de 1936; a ocupação da Áustria pela Alemanha, a 2 de março de 1938 e a da Albânia, por forças idas de Roma, a 8 de abril de 1939; a desagregação da Checoslováquia, algum tempo depois; e, por fim, o início da Segunda Guerra Mundial.

Durante esse tempo ocorreram conflitos regionais que rapidamente atingiram escala internacional, como o que opôs o Japão à China e o que ocorria na Palestina, onde se verificavam ações judaicas e árabes de sabotagem e terrorismo.

Agarrado às suas ideias Oliveira Salazar, um dos porta-vozes da causa anticomunista, recusou-se a estabelecer relações diplomáticas com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [URSS].

Como é natural não referimos acontecimentos que se esfumaram na memória coletiva ou que não foram passados a escrito. Também temos a plena consciência que existiram pessoas que participaram na luta comunista que não surgem nestas páginas, embora grande parte delas sejam do nosso conhecimento. Pessoas com nome e rosto, que lutaram e sofreram, que viveram momentos de esperança e felicidade e enfrentaram situações de desânimo.

Como facilmente se compreenderá, houve processos que consultámos mas que, por razões várias, não os referimos. E os que estão em Moscovo, guardados a sete chaves, não foram consultados por nós.

Por último, é provável que a passagem do tempo tenha transformado em pessoas muito diferentes várias das que referimos neste trabalho.